



Fred tem dez anos, pais recém-separados e uma paixão: o futebol. Quando sua mãe se casa novamente e vai com ele morar numa chácara em outra cidade, a vida de Fred se transforma. O garoto muda de escola, passa a se relacionar com o pai apenas pela internet e sente-se sozinho em um mundo de adultos. Até que depara com um campo de futebol abandonado no condomínio, cujo síndico é um ex-jogador dos tempos áureos do Vasco da Gama. Ali Fred vive uma experiência de outro mundo que não só estimula sua paixão esportiva, como o faz reviver um dos capítulos mais dramáticos da história do “esporte nacional”.

ALGUÉM TEM QUE FICAR NO GOL • JORGE FERNANDO DOS SANTOS



BARCO
A VAPOR

Alguém tem que ficar no gol

Jorge Fernando
dos Santos

Ilustrações
Laurent Cardon

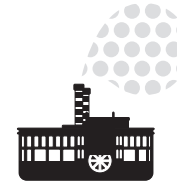
sm

sm

1 5 4 2 4 5
ISBN 978-85-418-1877-3



9 788541 818773



BARCO
A VAPOR

Alguém tem que ficar no gol

Jorge Fernando dos Santos

Ilustrações
Laurent Cardon



© Jorge Fernando dos Santos, 2012

Coordenação editorial: Iuri Pereira e Graziela Ribeiro dos Santos

Preparação: Thaís Totino Richter

Revisão: Regiane Monteiro Pimentel Barboza, Marcia Menin

e Valquíria Della Pozza

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão: Completar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Jorge Fernando dos

Alguém tem que ficar no gol / Jorge Fernando dos Santos ;
ilustrações Laurent Cardon. -- 2. ed. -- São Paulo : Edições SM, 2017.
-- (Coleção barco a vapor)

ISBN: 978-85-418-1877-3

1. Literatura infantojuvenil

I. Cardon, Laurent. II. Título. III. Série.

17-08137

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição maio de 2013

2ª edição novembro de 2017

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel.: 11 2111 7400

www.edicoessm.com.br

*Em memória de Manoel Malaguti,
vascaíno da gema,
e do goleiro Barbosa,
cuja fama pesou feito cruz.*

SUMÁRIO

I	Além da imaginação	11	XVI	Desertão verde.....	89
II	Mudança de vida.....	15	XVII	Passeio na mata.....	93
III	Paixão alvinegra	19	XVIII	Futebol cósmico.....	99
IV	Almoço em família.....	23	XIX	Visitas ao entardecer.....	103
V	Gol de letra	29	XX	Amizade santista	109
VI	Sonho interrompido	37	XXI	Hóspedes da natureza	113
VII	Vascaíno, graças a Deus	41	XXII	Efeito <i>poltergeist</i>	115
VIII	Amigo imaginário	47	XXIII	A verdade se revela	119
IX	Pessimismo Futebol Clube	55	XXIV	Saudades do pai	123
X	Futebol também é cultura	59	XXV	Na brisa da manhã.....	127
XI	Dia de treino	63	XXVI	Sob suspeita	131
XII	Infância distante.....	69	XXVII	Relíquia de couro.....	135
XIII	Acordo de cavalheiros	73	XXVIII	Crianças e adultos	141
XIV	Cheiro de grama	77	XXIX	Figurinha carimbada	145
XV	Dupla surpresa.....	85	XXX	A origem dos gandulas	151
			XXXI	Segredo revelado.....	157
			XXXII	A revanche do século.....	165
			XXXIII	Fome de bola.....	169

*“Só um pensamento me oprime: que acontecimentos
o destino reservará a um morto se os vivos
respiram uma vida agonizante?”*

MURILO RUBIÃO, “O PIROTÉCNICO ZACARIAS”

● I ALÉM DA IMAGINAÇÃO

O FUTEBOL É UMA CAIXINHA de surpresas. Transformada em chavão pela crônica esportiva, essa frase é perfeita para iniciar esta história. Afinal, “surpresa” é a melhor palavra para definir minha sensação diante dos fatos que tentarei narrar. Para início de conversa, devo confessar que as únicas coisas que aprendi sobre o esporte bretão é que a bola é redonda e o juiz... Bom, é melhor pular essa parte.

Tudo começou na noite em que assisti ao filme *Campo dos sonhos*, num canal da TV a cabo. O roteiro foi adaptado de um livro do escritor canadense W. P. Kinsella. Trata-se da história de um sujeito que resolve construir um campo de beisebol no milharal de sua fazenda, mesmo que isso represente a ruína dos negócios ou ponha em risco o futuro de sua família.

O protagonista, interpretado por Kevin Costner, ouve uma voz que lhe pede insistentemente que

faça o tal campo. O que ele não sabe no início da história é que ali voltarão a jogar alguns dos lendários nomes do beisebol americano, os craques que marcaram a memória esportiva de sua geração. O campo será também o local onde ele reencontrará o pai, morto há vários anos.

Achei o filme comovente, daqueles que emocionam o projecionista a cada nova exibição. Naquela noite, quando fui para a cama, fiquei pensando em escrever uma história parecida ou que pelo menos tivesse um pouco daquela mesma magia. O que eu jamais poderia supor é que a trama do meu novo livro já estava sendo arquitetada em algum lugar muito além da imaginação.

Eu havia comprado uma chácara com o dinheiro ganho na Justiça, depois de uma demanda contra o jornal para o qual trabalhei por duas décadas. A propriedade ficava num condomínio fechado, para os lados de Nova Lima, cidade da Grande Belo Horizonte, onde passei a infância. O lugar possuía, entre outras coisas, um campo de futebol com um lindo gramado. Mas, como eu nunca soube jogar bola e já era tarde demais para aprender, meu propósito era transformar aquele espaço numa plantação de eucaliptos.

Mudaram comigo para a chácara minha segunda mulher, Valquíria, e seu filho Frederico, de dez anos. Cabelos lisos e negros, pele clara e olhos de jabuticaba, ela havia atraído minha atenção desde a primeira vez em que a vi na redação onde trabalhávamos. Já o Fred, garoto moreno de cabelos anelados e olhos castanhos muito expressivos, reagiu com natural rebeldia quando decidimos morar juntos. Levou algum tempo para que ele se adaptasse àquela nova situação.

Embora eu ainda fizesse trabalhos freelance para completar a renda das aplicações financeiras, havia decidido passar uma boa temporada à toa, curtindo a nova família, viajando, cuidando de plantas ou simplesmente escrevendo livros sem ter pressa de publicá-los. E foi assim que comecei a escrever esta história, sem nenhum método ou planejamento, ao contrário de boa parte dos autores que conheço.

Retomando o fio da meada, as chuvas da primavera fizeram o campo de futebol da chácara recuperar o verde que havia perdido na longa temporada de seca que precedeu nossa mudança. A grama crescia rapidamente e com vigor, talvez pelo fato de ser pouco pisoteada. A não ser pelo Fred e seu cachorro de estimação, havia tempos que ninguém batia bola naquele gramado.

Valquíria temia que o campo pudesse esconder cobras, lagartos ou quem sabe até uma onça esfomeada que pudesse pôr em risco a vida do filho. Por isso ela me convenceu a podar a grama de quinze em quinze dias. Numa tarde ensolarada, enquanto eu cumpria a tarefa, ouvi pela primeira vez aquela voz de locutor das antigas e confesso que fiquei arrepiado.

Inicialmente, pensei que se tratasse de um som cacofônico provocado pelo vento ou pelo ruído estridente do aparador movido a diesel. De repente, consegui distinguir uma frase inteira que escorregou suavemente para dentro dos meus ouvidos, como se fosse irradiada em ondas curtas: “E eis que os velhos craques jogarão no tapete da sua casa”.

● II MUDANÇA DE VIDA

MEUS PAIS VIVIAM BRIGANDO e por isso resolveram se separar. Achei uma péssima ideia, mas os dois não estavam nem aí pra minha opinião. Tipo assim, criança não tem que dar palpite em conversa de adultos, sabe como é? Minha mãe já conhecia o Marcelo, dez anos mais velho que ela. Foram colegas no jornal onde trabalharam. A empresa passava por momentos difíceis e a nova diretoria resolveu fazer uma limpeza, como costumavam dizer. Os dois foram despedidos juntamente com outros jornalistas.

Meu pai era locutor de futebol. O fato de minha mãe passar os dias em casa só piorou as coisas. A grana era curta e ele achou que ela não queria mais trabalhar fora. A verdade, no entanto, é que estava difícil arranjar emprego de repórter depois que o setor jornalístico entrou em crise. Mais tarde fiquei sabendo que ela havia reencontrado o

Marcelo casualmente, numa ida ao sindicato pra acertarem as contas com o jornal.

Não demorou muito, minha mãe pediu o divórcio e meu pai acabou aceitando. Pouco depois, ele foi trabalhar numa rádio em São Paulo. Ela era muito orgulhosa pra continuarmos no apartamento do Prado, cujas prestações ele ainda estava pagando. Por isso fomos passar uns tempos na casa da vó Clotilde, que era viúva e morava no bairro Caiçara.

Somente dois anos depois, quando Marcelo comprou a chácara naquele condomínio perto de Nova Lima, é que fomos morar com ele. No início eu não gostava nada daquilo. Isto é, não suportava o Marcelo. Imagina só, aquele coroa barbudo e metido a intelectual ocupando a vaga de pai em nossa nova casa, véi! Minha mãe dizia que ele era gente fina e que eu acabaria me acostumando com a nova vida.

Passamos a morar perto da natureza, num lugar no meio do nada, sabe como é? Ouvíamos praticamente só o canto dos pássaros e os latidos do Aranha, o *beagle* que meu pai me deu de presente ainda filhote, no meu aniversário de quatro anos. O silêncio daquele lugar me lembrava um cemitério.

O ônibus escolar me buscava toda manhã, na portaria do condomínio, e me trazia de volta na hora do almoço. Eu passava as tardes brincan-



do sozinho ou no computador. As poucas casas vizinhas ficavam afastadas umas das outras e, a não ser na escola, dificilmente eu encontrava outras crianças com quem brincar.

Os pais dos meus colegas raramente permitiam que fossem passar o dia comigo. Pior é que eu tinha que aceitar a nova situação, pois não adiantava nada ficar reclamando. Meu pai já tinha arranjado uma namorada paulistana e seria difícil nossa família voltar a ser o que era ou eu morar com ele, longe da minha mãe, não é mesmo?

O Marcelo se esforçava pra ser simpático. Chegou a me dar um livro que havia escrito pra crianças e eu até que gostei da história, embora fosse muito infantil. Mas ele tinha um sério problema, véi! Ao contrário do meu pai, que era louco por futebol, ele não se interessava nem um pouco pelo esporte. Ele queria mesmo era transformar o campo da chácara numa plantação de eucaliptos, já pensou?

E, pra tirar sarro da minha cara, costumava dizer que era cruzeirense. Isso porque, a exemplo do meu pai, eu já nasci atleticano. Tanto é assim que meu enxoval de bebê não foi azul nem cor-de-rosa, caso nascesse uma menina, mas preto e branco, que são as cores do Galo.

● III PAIXÃO ALVINEGRA

CONHECI O MARCELO na *Gazeta de Minas*. Ele era editor de cultura; eu, repórter do caderno de saúde e comportamento. Não foi amor à primeira vista, reconheço, mas desde o início notei seu jeito diferente de me olhar.

Moreno e um pouco grisalho, ele era divorciado. Não tinha filhos e morava sozinho. Seu casamento havia durado menos de dois anos. Luísa, a ex-mulher, era doutora em arqueologia e trabalhava na Universidade do México como professora visitante. Um dos motivos da separação é que ela viajava muito e Marcelo sempre reclamava da sua ausência.

Arnaldo e eu nos conhecemos no curso de Comunicação, na Universidade Católica. Ainda nos tempos de escola, ele já dava seus primeiros passos na carreira de locutor esportivo. Nós nos casamos poucos meses depois da formatura. No início a gen-

te se dava superbem. Arnaldo não era nada romântico, mas sempre se mostrava atencioso comigo.

Estávamos casados havia três anos quando fiquei grávida. O nascimento do Frederico nos aproximou ainda mais. O nome que demos a ele era o mesmo do meu sogro. O lugar que a gente mais frequentava era o Mineirão. Mesmo quando estava de folga na Rádio Itatiaia, a emissora onde trabalhava, Arnaldo raramente perdia um jogo. Por isso o Fred começou a ir ao campo muito cedo, ainda no colo.

Meu pai foi torcedor do Cruzeiro desde criança, quando o time ainda se chamava Palestra Itália. Mesmo assim, eu tinha simpatia era pelo América mineiro, pois meus dois tios maternos torciam por ele e me levavam ao estádio ainda pequena. Já o Arnaldo era atleticano doente. Por isso cobria o Fred de presentes nas cores preto e branco, a começar pelo enxoval de bebê. Quando o menino completou seis meses, deu a ele um imenso galo de pelúcia, vestido com a camisa alvinegra e o escudo do time no peito.

No início eu achava tudo aquilo um pouco exagerado. Depois relaxei e passei a ver com bom humor a paixão dos dois pelo Galo. Aliás, foi essa a primeira palavra que o Fred aprendeu

a falar. Lembro dele, deitado no berço, mordendo o pezinho e balbuciando: “Ga... Ga... Galo”. Só algum tempo depois é que ele conseguiu falar “mamã” e “papá”.